

O QUE DIZEM OS PARATEXTOS DE LIVROS TRADUZIDOS? O CASO DE CINCO OBRAS PUBLICADAS NA FRANÇA COM SUBVENÇÃO DO PROGRAMA DE APOIO À TRADUÇÃO E À PUBLICAÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS NO EXTERIOR

WHAT DO TRANSLATED BOOK'S PARATEXTS SAY? THE CASE OF FIVE WORKS PUBLISHED IN FRANCE WITH A GRANT FROM THE SUPPORT PROGRAM FOR TRANSLATION AND PUBLICATION OF BRAZILIAN AUTHORS ABROAD



Regina Almeida do AMARAL
Mestranda
Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Fortaleza, Ceará, Brasil
lattes.cnpq.br/7600861183783417
orcid.org/0000-0001-9961-2629
regina.venturieri@gmail.com

Andressa Bezerra FERREIRA
Professora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Crato, Ceará, Brasil
lattes.cnpq.br/9297189284272932
orcid.org/0000-0002-8489-3074
andra04@gmail.com

1

Resumo: Um dos atores a ter importância significativa no aumento da presença da literatura brasileira fora do Brasil nos últimos anos, e especificamente na França, é a Fundação Biblioteca Nacional com o seu Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior. Neste artigo, falaremos brevemente sobre ele e, tendo como base o trabalho de Torres (2011) e Carneiro (2014), analisaremos alguns paratextos, mais precisamente os índices morfológicos, de cinco obras brasileiras que foram traduzidas com apoio do programa para verificar de que forma elas foram apresentadas — como traduções assumidas ou não — e qual o nível de visibilidade dos seus tradutores, em função da posição do seu nome.

Palavras-chave: Tradução Literária. Literatura Brasileira Traduzida. Literatura Brasileira Traduzida na França. Paratexto do Livro Traduzido. Índices Morfológicos.

Abstract: In recent years, the Support Program for the Translation and the Publication of Brazilian Authors Abroad provided by Brazilian National Library Foundation is one of the main actors to have a place in increasing the presence of Brazilian literature outside the country, particularly in France. In this work, we briefly discussed this context to emphasize the analysis of some paratexts based on the previous works of Torres (2011) and Carneiro (2014). We point out the morphological indexes of five Brazilian works translated as part of the previously mentioned grant to verify whether they were presented as assumed translations or not, and the level of visibility of its translators depending on the locating of their names.

Keywords: Literary Translation. Translated Brazilian Literature. Brazilian Literature Translated in France. Paratext of the Translated Book. Morphological Indexes.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Segundo Marie-Hélène Torres (2000), a partir das últimas décadas do século XX, houve um aumento significativo no volume de traduções de obras de escritores brasileiros publicadas na França. Ela afirma que esse aumento está relacionado a diversos fatores, como, por exemplo, os laços históricos que unem França e Brasil, mas os principais atores a influenciar essa maior presença da literatura brasileira em território francês são aqueles que estão envolvidos diretamente na escolha dos livros a serem traduzidos, a saber, as editoras, os agentes literários e as instituições governamentais. Entre os últimos, estão aqueles que se propõem a financiar a tradução, exercendo o papel de patronagem na difusão da literatura brasileira (Martins, 2008). É o caso da Fundação Biblioteca Nacional (FBN, daqui em diante) e seu Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior.

Esse programa, que funciona sob a gestão da FBN desde 1991, visa difundir a cultura e a literatura brasileiras no exterior e foi reformulado em 2011, contando com reforço orçamentário e com ampla divulgação no mercado internacional (Fundação Biblioteca Nacional [FBN], s.d.). O apoio é oferecido a editoras estrangeiras que desejam traduzir para qualquer idioma, publicar e distribuir, no exterior, em forma de livro impresso ou digital, obras de autores brasileiros anteriormente publicadas em português no Brasil (Fundação Biblioteca Nacional [FBN], 2011).

Para o presente artigo, foram selecionadas cinco obras brasileiras cujas traduções para a língua francesa foram financiadas pelo Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior entre 2011 e 2020, período previsto para a vigência da sua versão reformulada. Para a seleção de livros a serem analisados, buscamos escolher obras de autores diferentes, que diferissem também nos anos de publicação na França, nas editoras que as publicaram e nos profissionais que as traduziram. Com essa diversidade visamos, mesmo com um *corpus* pequeno, obter como resultado um panorama que aponte indicativos de como os livros brasileiros traduzidos são apresentados pelo mercado editorial francês, no caso específico daqueles subsidiados pelo programa da FBN, e não apenas encontrar um padrão de postura diante de determinado autor ou tradutor, adotado por certa editora, em um ano específico. Dessa forma, os livros selecionados foram:

1. *Os Éguas*, de Edyr Augusto, traduzido como *Belém* por Diniz Galhos e publicado pela Asphalte, em 2013;
2. *Diário da Queda*, de Michel Laub, traduzido como *Journal de la chute* por Dominique Nédellec e publicado pela Buchet Chastel, em 2014;

-
3. *Fogo Fátuo*, de Patrícia Melo, traduzido como *Feu follet* por Vitalie Lemerre e Eliana Machado e publicado pela *Actes Sud*, em 2017;
 4. *A Resistência*, de Julián Fuks, traduzido como *Ni partir ni rester* por Marine Duval e publicado pela *Grasset & Fasquelle*, em 2018;
 5. *Tupinilândia*, de Samir Machado de Machado, cujo título foi mantido na tradução de Hubert Tézenas, sendo publicado pela *Métailié* em 2020.

Para isso, primeiramente, o Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior será brevemente apresentado para que se entenda seu funcionamento e sua importância na difusão da literatura brasileira no exterior. Em seguida, a análise será feita em dois momentos: no primeiro, observaremos nos livros selecionados como os índices morfológicos — elementos que figuram nas capas, contracapas e folhas de rosto (Torres, 2011) — foram apresentados, com o objetivo de verificar de que forma esses livros chegaram na cultura-alvo, como traduções assumidas ou não (Toury, 2012); no segundo momento, será observada especificamente a posição do nome tradutor nessas obras, tendo como base o estudo de Carneiro (2014), em busca de verificar como essa posição varia. Dessa maneira, será possível examinar nos livros analisados se as informações relacionadas ao *status* das traduções e à figura do tradutor sofrem alguma influência pelo fato de terem sido subsidiadas pelo programa da FBN.

3

O Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior

De acordo com Marcia Martins (2008), o Programa de Apoio à Tradução foi originalmente criado em 1984, com apoio da Fundação Vitae¹, passando, em 1990, a ser gerido pela FBN. Desde então, políticas nacionais de internacionalização da literatura brasileira vêm sendo, mais amplamente, elaboradas e implantadas. Entre elas, a Política Nacional do Livro, instituída em 2003, que, no seu artigo 1º, estabeleceu como diretrizes, dentre outras, “competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais” (Lei nº 10.753, 2003) e “propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei” (Lei nº 10.753, 2003). Três anos depois, em 2006, foi criado o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), sendo que em um dos seus quatro eixos, com vista à ampliação da presença da produção nacional literária no exterior, há menção ao

AMARAL, Regina Almeida do; FERREIRA, Andressa Bezerra. O que dizem os paratextos de livros traduzidos? O caso de cinco obras publicadas na França com subvenção do Programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 01-26, 2022. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: 10.26512/belasinfeis.v11.n1.2022.37608

estabelecimento de “Programas de exportação de livros e apoio para tradução de livros brasileiros para edição no exterior” (Ministério da Cultura, 2010).

Na conjuntura dessas políticas, o Programa de Apoio à Tradução foi reformulado em 2011 (Feres & Brisolara, 2016), passando a se chamar Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, contando com previsão de investimento de US\$ 35 milhões até o ano de 2020 (Book Center Brazil, 2012). Essa reformulação teria sido impulsionada em 2010, em função da escolha do Brasil como país convidado de honra da edição de 2013 da Feira do Livro de Frankfurt, o maior evento do mercado editorial em nível mundial (Muniz Jr. & Szpilbarg, 2016).

Segundo Galeno Amorim, diretor da FBN à época da reformulação, antes de 2011, o programa não funcionava com regularidade e oferecia bolsas que não tinham valores definidos (Simões, 2012). Com a reformulação, as bolsas passaram a ter uma margem de valor definida, entre US\$ 2.000,00 e US\$ 8.000,00, variando de acordo com critérios como complexidade e volume do texto a ser traduzido. Através de editais bienais, editoras estrangeiras que desejassem “traduzir, publicar e distribuir, no exterior, livros impressos de autores brasileiros, anteriormente publicados em português no Brasil” (Fundação Biblioteca Nacional [FBN], 2011), poderiam se inscrever para concorrer às bolsas, sendo que os livros a serem traduzidos deveriam estar relacionados à literatura ou às humanidades, em especial dos gêneros “romance, conto, poesia, crônica, infantil e/ou juvenil, teatro, obra de referência, ensaio literário, ensaio de ciências sociais, ensaio histórico e antologias de poemas e contos” (Fundação Biblioteca Nacional [FBN], 2011).

4

Entre 1991 e 2010, um período de 19 anos, o programa concedeu 161 bolsas para tradução (Muniz Jr. & Szpilbarg, 2016), enquanto, no período de 8 anos, entre 2011 e 2019, foram concedidas, de acordo com dados da FBN, 917 bolsas, sendo 99 para a tradução em língua francesa², o que evidencia os efeitos pós-reformulação. O levantamento feito por Karla Spézia (2015) traz mais dados que auxiliam na compreensão da dimensão e influência do programa: entre 2011 e 2013, as traduções financiadas representaram 38% do total de traduções de obras brasileiras publicadas na França, sendo que, especificamente no ano de 2013, essa proporção foi de 55%³, o que demonstra sua importância na difusão da literatura brasileira em território francês.

AMARAL, Regina Almeida do; FERREIRA, Andressa Bezerra. O que dizem os paratextos de livros traduzidos? O caso de cinco obras publicadas na França com subvenção do Programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 01-26, 2022. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: 10.26512/belasinfeis.v11.n1.2022.37608

Como as Traduções São Apresentadas? Análise dos Índices Morfológicos

De acordo com Venuti (1996), os leitores tendem a encarar um texto traduzido como um texto escrito originariamente na sua própria língua e não como um texto estrangeiro que foi traduzido por alguém. Esse fenômeno, de acordo com o autor, está inter-relacionado a outro: o texto traduzido só é bem aceito, tanto por leitores quanto por revisores e editores, quando sua leitura é fluente, como se tivesse sido, de fato, escrito originariamente na língua dos leitores. Os dois fenômenos parecem se retroalimentar, e resultam em — ou são resultado de —, pelo menos, duas práticas: a de não explicitar, ou até mesmo de esconder, o *status* do texto traduzido, dando origem a traduções não-assumidas, tomando emprestada a noção de Toury (2012), e a de buscar apagar a presença de quem traduziu, ocasionando o que Venuti chamou de “invisibilidade do tradutor” (Venuti, 1996, p. 111).

Nesse artigo observaremos se essas práticas ocorrem nos livros selecionados para análise e, se ocorrem, como elas são expressas no que Marie-Hélène Torres (2011) chamou de índices morfológicos no primeiro volume de *Traduzir o Brasil Literário: paratexto e discurso de acompanhamento*. Nessa obra, no que se refere aos paratextos, Torres utilizou como base a teoria de Gérard Genette, na qual ele afirma que um “texto raramente se apresenta nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que . . . o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo” (Genette, 2009, p. 9); esse acompanhamento foi chamado por ele de paratexto. Por questões práticas, Torres (2011) dividiu os paratextos em dois: os aspectos ou índices morfológicos, presentes nas capas, contracapas e páginas de rosto e os discursos de acompanhamento, presentes nas introduções, advertências, prefácios e posfácios. Por ora, nos concentraremos nos primeiros.

Nessa seção, observaremos esses índices de uma forma geral, buscando identificar quais informações são mostradas e se elas apresentam esses livros como traduções assumidas (Toury, 2012), ou seja, se esses livros, na cultura-alvo, são apresentados ou vistos como traduções, tendo como base o trabalho de Torres (2011). Na seção seguinte, dentre os índices morfológicos analisados, nos deteremos no nome do tradutor e na sua visibilidade, maior ou menor, dependendo do seu posicionamento no livro, como proposto por Carneiro (2014).

Elemento presente nas cinco obras

Antes de entrar na análise dos índices morfológicos de cada obra, faz-se necessário destacar um elemento que está presente em todas elas: a informação referente ao subsídio do Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior da FBN. Essa indicação é obrigatória para todos os livros que são publicados com apoio do programa, como é informado no edital, na seção referente às obrigações da editora: “A editora compromete-se a inserir a seguinte referência na página de créditos da obra publicada, na língua da tradução e em português: ‘Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil / Fundação Biblioteca Nacional’” (Fundação Biblioteca Nacional [FBN], 2015)⁴. Essa indicação deve “ser acompanhada do logotipo da FBN” (Fundação Biblioteca Nacional [FBN], 2015). O logotipo, conforme o disposto no edital, é apresentado na Imagem 1:

Imagem 1: Logotipo da Fundação Biblioteca Nacional



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional [FBN] (2015).

Todas as obras analisadas trazem a informação exigida, acompanhada do logotipo da FBN. O que varia é apenas a ordem da língua na qual essa indicação aparece: *Belém* (2013) e *Journal de la chute* (2014), trazem primeiro a referência em português e depois em francês, já *Feu follet* (2017), *Ni partir ni rester* (2018) e *Tupinilândia* (2020) trazem primeiro a referência em francês e depois em português.

Belém, 2013 [Os Éguas, 1998]

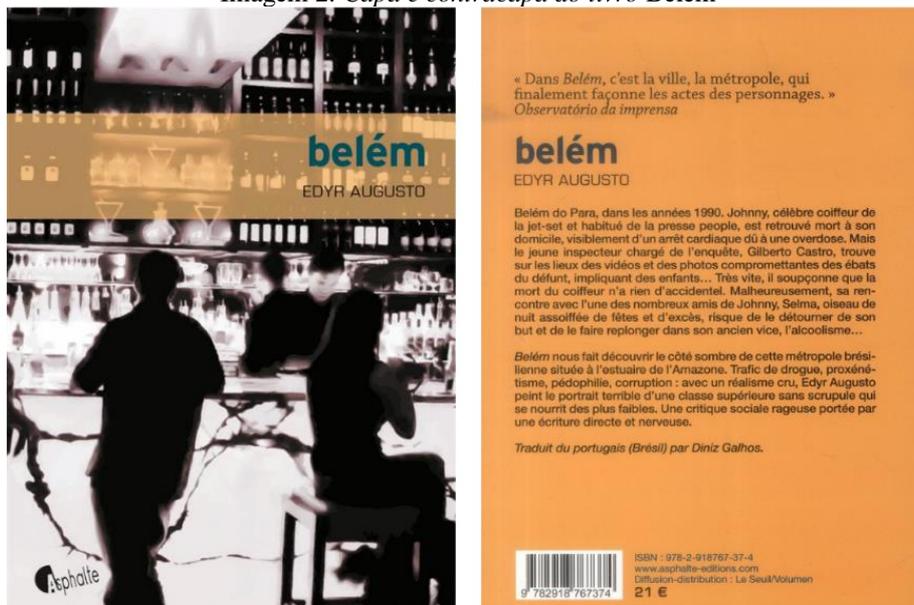
Os Éguas, primeiro romance do escritor paraense Edyr Augusto, foi publicado pela primeira vez em 1998, pela Boitempo Editorial, e teve sua tradução para a língua francesa, *Belém*, publicada em 2013, pela Asphalte Éditions. *Belém* não corresponde a uma tradução direta do título da obra de partida — que está associado a uma expressão muito comum na capital do estado do Pará —, mas faz referência à cidade onde a narrativa se desenrola, o que poderia ser um indicativo do caráter estrangeiro da obra, juntamente com o nome do autor.

Outro elemento presente na capa que poderia indicar a estrangeiridade do livro é o próprio nome da editora, já que até o ano de 2013 a Asphalte tinha foco em literatura

AMARAL, Regina Almeida do; FERREIRA, Andressa Bezerra. O que dizem os paratextos de livros traduzidos? O caso de cinco obras publicadas na França com subvenção do Programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 01-26, 2022. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: 10.26512/belasinfieis.v11.n1.2022.37608

estrangeira⁵, mas nem todos os leitores têm essa informação. A imagem que ilustra a capa — uma fotografia editada de um ambiente que se assemelha a um bar —, por sua vez, não dá pistas quanto ao *status* de livro traduzido. Portanto, apenas com os elementos presentes na capa (Imagem 2), como a imagem que a ilustra, o título da obra, o nome do seu autor e o nome da editora, não é possível afirmar com certeza que se trata de uma tradução.

Imagem 2: Capa e contracapa do livro *Belém*



Fonte: elaborado pelas autoras.

Na contracapa (Imagem 2), há um *blurb* retirado e traduzido do *Observatório da Imprensa*. De acordo com Genette, um *blurb* é “uma citação elogiosa tirada da crítica” (Genette, 2009, p.106), que pode conter informações sobre o autor e suas obras e até mesmo um trecho do livro. No caso de *Belém*, a citação realmente é tirada da crítica, mas não chega a ser elogiosa, trazendo apenas um comentário sobre a narrativa: “Em *Belém*, é a cidade, a metrópole, que, no fim, molda as ações dos personagens”⁶. Mas a indicação da fonte desse comentário parece ser um dos primeiros indícios de que se trata de uma obra traduzida, que pode, entretanto, passar despercebido.

Abaixo, há a repetição do título da obra e do nome do autor, seguidos de um *release* ou *press-release*, que, de acordo com Genette (2009, p. 97), é “um texto curto (geralmente de meia a uma página) que descreve, à maneira de resumo . . . e de modo normalmente elogioso, a obra a que se refere”. No caso do livro de Edyr Augusto, o *release* apresenta um resumo da narrativa,

identificando os nomes de alguns personagens, como Johnny, Gilberto Castro e Selma, e esses nomes poderiam indicar que se trata de uma obra traduzida. O texto também informa que Belém é uma metrópole brasileira situada no estuário do rio Amazonas, o que poderia ser mais um indício da estrangeiridade da obra, mas não suficiente para dar certeza, já que um autor francês poderia escrever situando sua narrativa em Belém.

Apenas abaixo do *release* é que aparece a indicação “*Traduit du portugais (Brésil) par Diniz Galhos*”, porém a posição dessa informação poderia deixar dúvidas, pois seria possível pensar, apesar de não ser algo comum, que Diniz Galhos traduziu o *release* e não necessariamente o romance. Mas como na França é comum o nome do tradutor da obra aparecer na capa ou na contracapa (essa questão será aprofundada mais à frente em *A posição do nome do tradutor*), sua ausência na capa sugere sua presença na contracapa. Essa suspeita é confirmada na folha de rosto, na qual, abaixo do nome do autor e do título do livro, a indicação “*traduit du portugais (Brésil) par Diniz Galhos*” se repete e confirma que *Belém* é uma obra traduzida e o texto de partida foi escrito em português do Brasil.

8

Porém unicamente com as informações da capa, contracapa e folha de rosto ainda não é possível afirmar com certeza que Edyr Augusto escreveu seu livro em português, afinal *Belém* poderia ser uma tradução indireta de uma obra escrita em espanhol da Argentina, por exemplo. Apesar de, atualmente, traduções indiretas não parecerem ser tão comuns entre línguas latinas, essa é uma dúvida que poderia surgir e ela só desapareceria ao acessar a folha de *copyright*, ao final do livro, na qual se encontra a informação “A edição original dessa obra foi publicada pela Boitempo Editorial, São Paulo, Brasil”⁷. Outra indicação presente nessa página que sugere a língua na qual o livro foi escrito é a referência ao apoio do programa da FBN em português — “Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil/Fundação Biblioteca Nacional” — e em francês — “*Œuvre publiée avec l’appui du Ministère de la Culture du Brésil/Fondation Bibliothèque Nationale*”.

Os índices morfológicos de *Belém* analisados foram sumarizados no Quadro 1.

Quadro 1: Índices morfológicos do livro Belém

Capa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Editora	Coleção
<i>Belém</i>	Edyr Augusto	-	-	-	Asphalte	-
Contracapa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Texto da contra capa	
<i>Belém</i>	Edyr Augusto	<i>par Diniz Galhos</i>	<i>traduit du portugais (Brésil)</i>	-	– tradução de um <i>blurb</i> (Observatório da Imprensa) – <i>press-release</i>	
Folhas internas (folha de rosto e folha de copyright)						
Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Menção à data da tradução	Referência à obra original		
<i>par Diniz Galhos</i>	<i>traduit du portugais (Brésil)</i>	(implícita) indicação da origem da editora e referência ao apoio da FBN	© <i>Asphalte éditions, 2013, pour l'édition en langue française.</i>	<i>L'édition originale de cet ouvrage est parue chez Boitempo Editorial, São Paulo, Brazil, en 2005, sous le titre : Os éguas</i>		

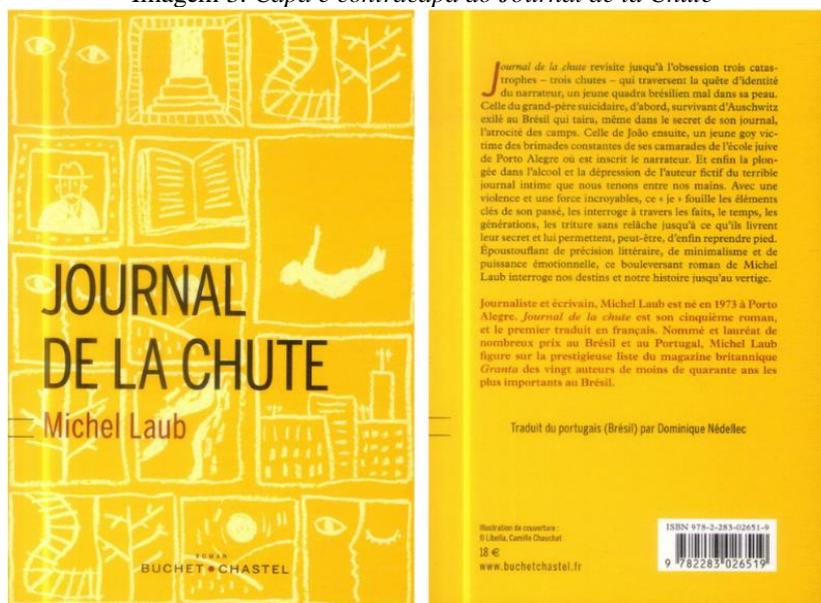
Fonte: elaborado pelas autoras.

Journal de la chute, 2014 [Diário da queda, 2011]

Diário da queda, romance do escritor gaúcho Michel Laub, foi publicado pela primeira vez em 2011, pela Companhia das Letras, e teve sua tradução para a língua francesa, *Journal de la chute*, publicada em 2014 pela Buchet Chastel. Na sua capa (Imagem 3), a imagem que a ilustra — pequenos quadros com desenhos, com destaque para um que representa uma pessoa em queda — não indica que se trata de uma obra traduzida, assim como os outros elementos

nela dispostos: o título do livro, o nome do autor e o nome da editora. O nome do autor, pelo contrário, poderia ser lido como o de um escritor francês.

Imagem 3: *Capa e contracapa do Journal de la Chute*



Fonte: elaborado pelas autoras.

10

Na contracapa (Imagem 3), há um *release* que indica que a narrativa se passa no Brasil, especificamente na cidade de Porto Alegre, e traz o nome de um dos personagens, João, elementos que seriam indícios de que se trata de uma obra estrangeira, mas que, assim como observado na análise de *Belém*, não são suficientes para se ter certeza quanto a isso. Abaixo da apresentação do livro em forma de resumo, há um pequeno texto sobre o autor, em que se fica sabendo que Michel Laub é um dos vinte autores com menos de 40 anos mais importantes do Brasil, segundo a revista *Granta*, e que este romance é o seu primeiro a ser traduzido para o francês. Com essas informações, já é possível perceber que *Journal de la chute* é, além de uma obra traduzida, uma obra brasileira.

Abaixo desses textos, tem-se a indicação “*Traduit du portugais (Brésil) par Dominique Nédellec*”, e por mais que surgisse a pergunta mencionada na análise de *Belém* — se essa informação faz referência ao livro ou ao *release* —, com a leitura dos dados mencionados anteriormente não haveria dúvidas quanto ao *status* de livro traduzido nem sobre sua origem.

Na folha de rosto aparecem o nome do autor, o título do livro, a informação “*roman*” e, abaixo, as indicações sobre a língua de partida e o nome do tradutor se repetem. A dúvida sobre a língua na qual Michel Laub escreveu o livro não existe, se o *release* tiver sido lido. Se

não tiver, esse dado pode ser obtido na folha de *copyright*, não com a indicação de onde o livro foi publicado originariamente, porque essa informação está ausente, mas com a referência ao apoio da FBN em português — “Obra publicada com apoio do Ministério da Cultura do Brasil/Fundação Biblioteca Nacional” — e em francês — “*Ouvrage publié avec l’aide du ministère de la Culture du Brésil*/Fundação Biblioteca Nacional”.

Os índices morfológicos de *Journal de la chute* analisados foram sumarizados no Quadro 2.

Quadro 2: Índices morfológicos do livro *Journal de la chute*

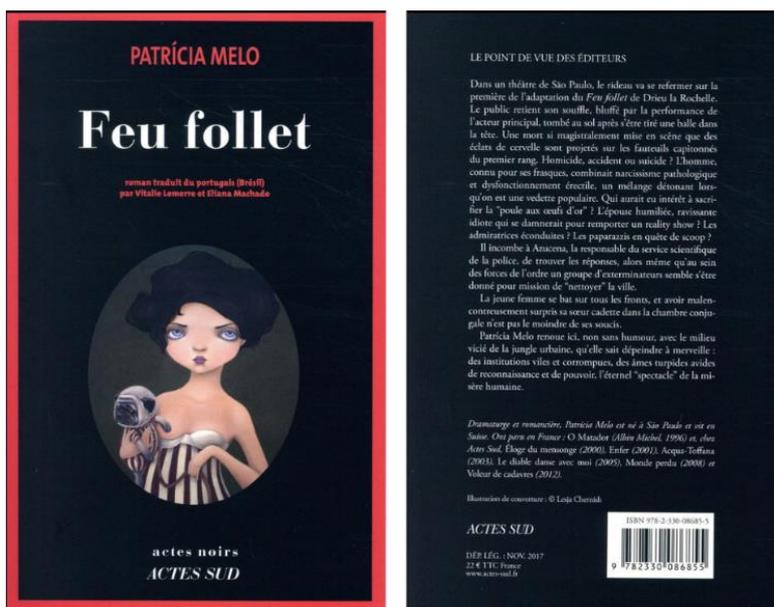
Capa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Editora	Coleção
<i>Journal de la chute</i>	Michel Laub	-	-	-	Buchet Chastel	-
Contracapa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Texto da contra capa	
-	-	<i>par Dominique Nédellec</i>	<i>Traduit du portugais (Brésil)</i>	(implícita) referência ao autor	– <i>press-release</i> – informações sobre o autor	
Folhas internas (folha de rosto e folha de copyright)						
Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Menção à data da tradução	Referência à obra original		
<i>par Dominique Nédellec</i>	<i>Traduit du portugais (Brésil)</i>	(implícita) referência ao apoio da FBN	<i>Et pour la traduction française : © Libella, Paris, 2014</i>	<i>Titre original</i> : Diário da queda		

Fonte: elaborado pelas autoras.

Feu follet, 2017 [*Fogo fátuo*, 2014]

Fogo fátuo, romance da escritora paulista Patrícia Melo, foi publicado pela primeira vez em 2014 pela editora Rocco, e teve sua tradução, *Feu follet*, publicada em 2017 pela *Actes Sud*. Sua capa (Imagem 4) segue o padrão da maioria dos livros que fazem parte da coleção *Actes Noirs*, que reúne romances policiais do mundo inteiro: bordas vermelhas, envolvendo um fundo preto, estampado por uma imagem em moldura oval. Outro padrão da coleção que é seguido no livro de Patrícia Melo é a disposição das informações: acima da imagem ficam posicionados o nome do autor, o título do livro, a referência à língua de partida e o nome do tradutor, caso o livro seja traduzido; abaixo, os nomes da coleção e da editora. Então, desde a capa, com a indicação “roman traduit du portugais (Brésil) par Vitalie Lemerre et Eliana Machado”, sabe-se que se trata de um livro traduzido e que a língua do texto de partida é o português do Brasil.

Imagem 4: *Capa e contracapa do livro Feu Follet*



Fonte: elaborado pelas autoras.

Na contracapa (Imagem 4), é interessante notar que o *release* é antecedido por uma espécie de título, “*Le Point de Vue des Éditeurs*” [O ponto de vista dos editores], que deixa entrever a autoria desse texto, ocorrência não tão comum. Com ele, fica-se sabendo que a narrativa se passa em São Paulo, onde uma peça de Drieu La Rochelle, escritor francês, é encenada. Há também a referência ao nome de uma das personagens, Azucena, e apenas com

essas informações, se não houvesse, na capa, indicação de que a obra é traduzida, dúvidas a respeito da origem do livro poderiam surgir: o nome da autora e o local onde se passa a narrativa dão pistas de seu caráter estrangeiro e poderiam indicar o Brasil, mas o nome da personagem poderia apontar para outro país, como algum da América Latina, por exemplo. O *release* é seguido de algumas palavras sobre a autora, como o local de seu nascimento — São Paulo —, e de uma lista de obras suas que foram traduzidas para o francês.

A folha de rosto repete as informações da capa: nome da autora, título do livro, a informação sobre a língua de partida ao lado dos nomes das tradutoras e o nome da editora. Mas a indicação explícita da origem do livro só aparece, mais uma vez, na folha de *copyright*, na qual se lê a informação sobre a editora que publicou o livro no Brasil — “*Éditeur original : Editora Rocco, Rio de Janeiro*” — e a referência ao apoio do programa da FBN em francês — “*Cet ouvrage a reçu une aide à la traduction de la Fondation de la Bibliothèque nationale du Brésil, dotée par le ministère de la Culture brésilien*” — e em português: “Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil / Fundação Biblioteca Nacional”. Curiosamente, entre todas as formulações em francês para se referir ao apoio recebido, no caso das obras analisadas nesse artigo, a de *Feu Follet* é a que sofre maior variação se comparada à formulação em português, como é possível observar na sua tradução: “Essa obra recebeu um apoio à tradução da Fundação da Biblioteca nacional do Brasil, administrada pelo ministério da Cultura brasileiro”.

Os índices morfológicos de *Feu Follet* analisados foram sumarizados no Quadro 3.

Quadro 3: Índices morfológicos do livro *Feu Follet*

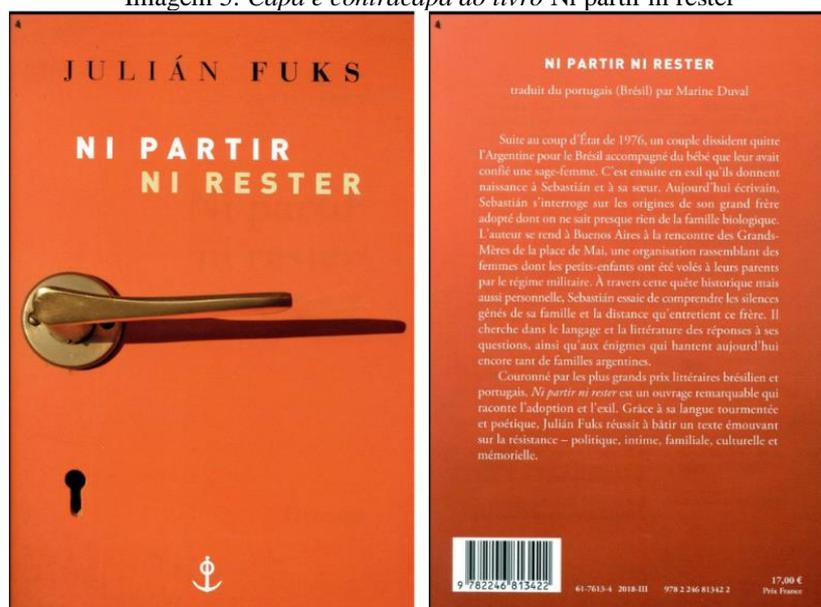
Capa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Editora	Coleção
<i>Feu follet</i>	Patrícia Melo	<i>par Vitalie Lemerre et Eliana Machado</i>	<i>roman traduit du portugais (Brésil)</i>	-	Actes Sud	actes noirs
Contracapa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi	Texto da contracapa	

				escrito	
-	-	-	-	-	– <i>press-release</i> (ponto de vista dos editores) – informações sobre a autora e lista das suas obras publicadas na França
Folhas internas (folha de rosto e folha de <i>copyright</i>)					
Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Menção à data da tradução	Referência à obra original	
<i>par Vitalie Lemerre et Eliana Machado</i>	<i>roman traduit du portugais (Brésil)</i>	(implícita) indicação da origem da editora e referência ao apoio da FBN	© ACTES SUD, 2017 <i>pour la traduction française</i>	<i>Titre original : Fogo-Fátuo</i> <i>Éditeur original : Editora Rocco, Rio de Janeiro</i>	

***Ni partir ni rester*, 2018 [A Resistência, 2015]**

A *Resistência*, romance do escritor paulista Julián Fuks, foi publicado pela primeira vez em 2015 pela Companhia das Letras e teve sua tradução, *Ni partir ni rester*, publicada em 2018 pela Grasset & Fasquelle. Na capa (Imagem 5), vê-se sobre um fundo laranja, que seria uma porta, uma maçaneta e uma fechadura, portanto, nada que indique que se trata de uma obra traduzida. Sobre essa imagem, lê-se o nome do autor, o título do livro e um símbolo posicionado no local onde é de costume estar o nome ou logotipo da editora. O nome do autor poderia indicar que se trata de um escritor estrangeiro, em função do acento em “Julián”, que indicaria um nome de origem espanhola. Outra pista para apontar a estrangeiridade da obra é o símbolo mencionado, uma âncora. Mas seria necessário estar familiarizado com a editora para compreender que se trata de um logotipo da coleção *en lettres d’ancre* — um jogo com a sonoridade idêntica das palavras *encre*, tinta, e *ancre*, âncora —, dedicada à literatura estrangeira.

Imagem 5: *Capa e contracapa do livro Ni partir ni rester*



Fonte: elaborado pelas autoras.

Na contracapa (Imagem 5), na parte superior, lê-se o título do livro e, logo abaixo, a informação “*traduit du portugais (Brésil) par Marine Duval*”. O posicionamento dessa indicação deixa mais evidente que se trata de uma referência ao livro e não ao *release*, como nos casos de *Belém* e de *Journal de la chute*, analisados anteriormente. Com essa informação, sabe-se que se trata de uma obra traduzida e que a língua de partida é o português do Brasil.

Com o *release*, fica-se sabendo que a narrativa se divide entre o Brasil e a Argentina e que o nome do personagem principal é Sebastián, o que poderia indicar uma origem argentina para o livro. Seria possível pensar em uma tradução indireta de uma obra escrita em espanhol, a partir de uma tradução para o português, dúvida que poderia surgir e que não seria esclarecida com o resto do texto, que não traz informações sobre o autor e sua origem, apenas elogios à sua escrita.

A folha de rosto, traz o nome do autor, o título do livro, a informação sobre a língua de partida acompanhada do nome da tradutora, o nome da editora e a localização da sua sede. Mais uma vez, é apenas na folha de *copyright* que é possível identificar a origem do livro com a referência ao apoio da FBN em francês — “*Ouvrage publié avec le soutien du ministère de la Culture du Brésil / Fundação Biblioteca Nacional*” — e em português — “*Obra publicada (sic) com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil / Fundação Biblioteca Nacional*” —, com um erro de digitação que chama a atenção. Com a indicação sobre a editora de origem — “*L'édition originale de cet ouvrage a été publiée par Companhia Das Letras*” [A edição

original desta obra foi publicada pela Companhia Das Letras] —, também presente nessa folha, não é possível afirmar de onde vem a obra, já que não há referência à sua cidade ou ao seu país de origem e seria necessário conhecê-la para saber que se trata de uma editora brasileira.

Os índices morfológicos de *Ni partir ni rester* analisados foram sumarizados no Quadro 4.

Quadro 4: Índices morfológicos do livro *Ni partir ni rester*

Capa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Editora	Coleção
<i>Ni partir ni rester</i>	Julián Fuks	-	-	-	-	en lettres d'ancres (símbolo)
Contracapa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Texto da contracapa	
<i>Ni partir ni rester</i>	-	par Marine Duval	traduit du portugais (Brésil)	-	– press-release	
Folhas internas (folha de rosto e folha de copyright)						
Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Menção à data da tradução	Referência à obra original		
par Marine Duval	traduit du portugais (Brésil)	(implícita) referência ao apoio da FBN	© Éditions Grasset & Fasquelle, 2018, pour la traduction française.	L'édition originale de cet ouvrage a été publiée par Companhia das Letras en 2015 sous le titre : A RESISTÊNCIA		

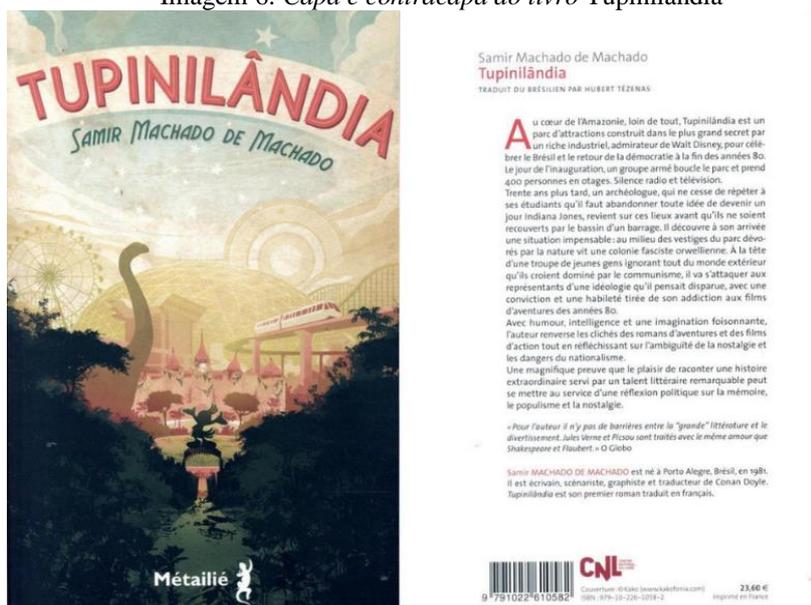
Fonte: elaborado pelas autoras.

***Tupinilândia*, 2020 [*Tupinilândia*, 2018]**

Tupinilândia, romance do escritor gaúcho Samir Machado de Machado, foi publicado pela primeira vez em 2018 pela Todavia, e teve sua tradução, que manteve o nome em

português, publicada em 2020 pela Métailié. Assim como o título, a capa original foi mantida (Imagem 6), o que parece ser prática recorrente da editora francesa. Nela, há a ilustração de um parque de diversões que é coroado por um céu estrelado, coberto por uma faixa com o título da obra, o que parece fazer referência à bandeira do Brasil e seria um indicativo da origem do livro, além do próprio título, que traz o termo “tupi” inserido, e o do nome do autor, localizado logo abaixo.

Imagem 6: Capa e contracapa do livro Tupinilândia



Fonte: elaborado pelas autoras.

Na contracapa (Imagem 6), na parte superior, abaixo do nome do autor e do título do livro, tem-se a informação “Traduit du brésilien par Hubert Tézenas”, que, assim como para *Ni partir ni rester*, sua posição logo abaixo do título deixa mais evidente que se trata de uma indicação relacionada ao livro e não ao *release*, se essa localização fosse abaixo deste. O *press-release* faz referência à Amazônia, onde fica localizado o parque de diversões fictício *Tupinilândia* e logo abaixo, há um *blurb* traduzido e retirado do *Globo*, acompanhado de um pequeno texto sobre o autor, no qual se fica sabendo que ele é brasileiro, nascido em Porto Alegre, e que esse livro é seu primeiro a ser traduzido para o francês. Com essas informações, sabe-se então que o livro é uma tradução, que a língua de partida é o português do Brasil, chamado de *brésilien*, e, pela origem do autor, infere-se que o livro tenha sido escrito em português.

Na folha de rosto, há a repetição do nome do autor, do título da obra, da indicação quanto à língua do texto de partida ao lado do nome do tradutor, e do nome da editora. Só se tem certeza sobre a origem do livro na folha de *copyright* através da referência ao apoio da FBN.

Os índices morfológicos de *Tupinilândia* analisados foram sumarizados no Quadro 5.

Quadro 5: Índices morfológicos do livro *Tupinilândia*

Capa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Editora	Coleção
<i>Tupinilândia</i>	Samir Machado de Machado	-	-	-	Métailié	-
Contracapa						
Título	Autor	Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Texto da contracapa	
<i>Tupinilândia</i>	Samir Machado de Machado	<i>par Hubert Tézenas</i>	<i>traduit du brésilien</i>	-	<ul style="list-style-type: none"> - <i>press-release</i> - tradução de um <i>blurb</i> (O Globo) - informações sobre o autor 	
Folhas internas (folha de rosto e folha de copyright)						
Menção ao tradutor	Menção à língua de partida	Menção à língua em que foi escrito	Menção à data da tradução	Referência à obra original		
<i>par Hubert Tézenas</i>	<i>traduit du brésilien</i>	(implícita) referência ao apoio da FBN	<i>Traduction française © Éditions Métailié, Paris, 2020</i>	<i>Titre original: Tupinilândia</i>		

Elaboração: o autor.

A Posição do Nome do Tradutor

Depois de analisar os índices morfológicos, de uma maneira geral, nesta sessão nos deteremos na observação da posição do nome do tradutor, de acordo com a hierarquização proposta por Carneiro (2014), a partir de “critérios de visibilidade de leitura” (Carneiro, 2014, p. 92). Segundo a autora, em relação aos elementos mais externos do livro, o leitor é atraído primeiramente pelos elementos da capa, posteriormente da contracapa, seguido das orelhas, caso existam, já que são esses elementos que carregam a maior parte do apelo publicitário. Somente após a observação deles é que o leitor passaria para as primeiras páginas, como a folha de rosto e seu verso.

Assim como no Brasil, a legislação francesa, relativa à propriedade intelectual, concede ao tradutor direito semelhante ao do autor⁸, fazendo com que ambos sejam obrigatoriamente mencionados no livro, porém nenhuma das leis determina locais específicos para essa menção. Para tal, a *Association des Traducteurs Littéraires de France* (ATLF) e o *Syndicat National de l'Édition* (SNE) criaram, em 2013, uma espécie de código de conduta, que busca servir de guia para a publicação de obras literárias traduzidas. Nesse código, as partes envolvidas acordaram que o nome do tradutor deve aparecer, no mínimo, duas vezes: uma na capa, ou na contracapa, e outra na folha de rosto (*Association des Traducteurs Littéraires de France [ATLF] et al., 2014*).

Essas recomendações são seguidas nas obras traduzidas aqui analisadas: a maioria traz o nome do tradutor na contracapa, com exceção de *Feu follet*, da editora *Actes Sud*, que traz os nomes das tradutoras na capa; e todas apresentam o nome do tradutor na folha de rosto. Ou seja, todas trazem o nome do tradutor as duas vezes recomendadas, como resume o quadro abaixo.

Quadro 6: Posição do nome do tradutor

Ano	Editora	Título	Nome do tradutor na capa	Nome do tradutor na contracapa	Nome do tradutor na folha de rosto
2013	Asphalte	<i>Belém</i>	Não	Sim	Sim
2014	Buchet Chastel	<i>Journal de la chute</i>	Não	Sim	Sim
2017	Actes Sud	<i>Feu follet</i>	Sim	Não	Sim
2018	Grasset & Fasquelle	<i>Ni partir ni rester</i>	Não	Sim	Sim
2020	Métailié	<i>Tupinilândia</i>	Não	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelas autoras.

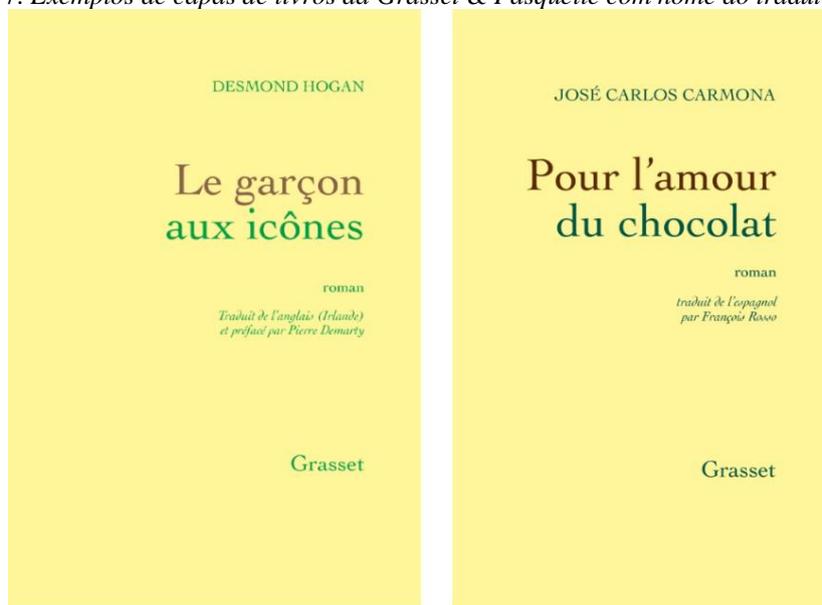
Em relação ao Brasil, Carneiro (2014) afirma que a presença do nome do tradutor em lugar de maior destaque, como na capa, está relacionada à sua notoriedade. Com a análise aqui apresentada, não temos como estabelecer um padrão para a publicação de obras traduzidas na França, já que o nosso *corpus* é reduzido, mas temos alguns indicativos que podem sugerir um padrão.

No caso de *Feu Follet*, seria possível justificar a presença do nome das tradutoras na capa com o argumento da notoriedade, já que uma das tradutoras, Eliana Machado, também é escritora. Porém, ao observar as outras obras da *Actes Noirs*, coleção a qual pertence *Feu Follet*, e as outras obras da *Actes Sud*, é possível concluir que apresentar o nome do tradutor na capa é um padrão da editora para todas as obras estrangeiras do seu catálogo.

Para as editoras Asphalte e Buchet Chastel, que publicaram *Belém* e *Journal de la chute*, respectivamente, o padrão para as obras estrangeiras é o de apresentar os nomes dos tradutores na contracapa, como nos livros analisados. Já na Grasset & Fasquelle, editora que publicou *Ni partir ni rester*, parece haver uma diferenciação no padrão editorial: a maioria dos livros da coleção *en lettres d'ancre*, destinada à literatura estrangeira, traz o nome do tradutor na contracapa, mas alguns trazem na capa (Imagem 7).

20

Imagem 7: Exemplos de capas de livros da Grasset & Fasquelle com nome do tradutor na capa

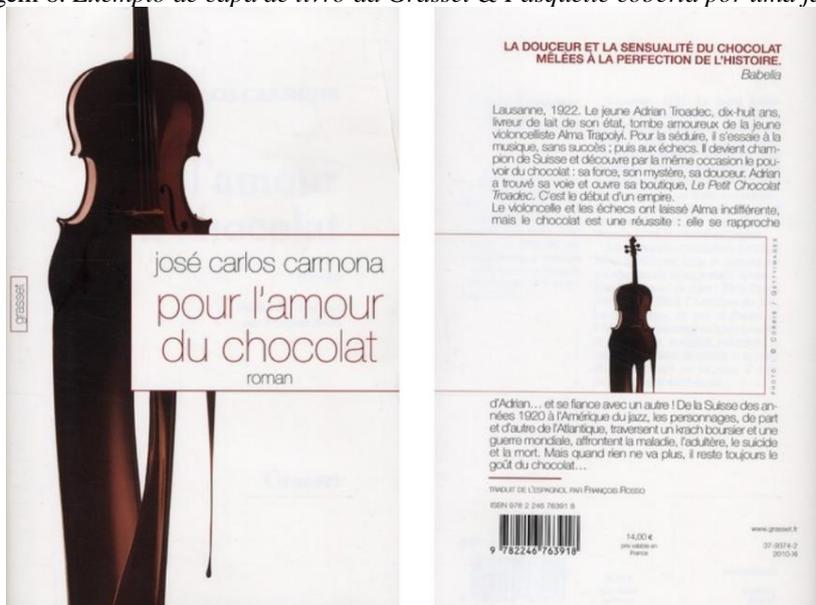


Fonte: elaborado pelas autoras.

Porém, mesmo entre essas obras de padrão diferenciado, com o nome do tradutor na capa, a apresentação de capa e contracapa pode variar, já que a parte externa desses livros

costuma ser coberta, total ou parcialmente, por jaquetas ou cintas. As jaquetas cobrem totalmente capa e contracapa e, nesse suporte anexo, a apresentação do nome do tradutor sofre alteração, sendo deslocado para a parte de trás (Imagem 8).

Imagem 8: Exemplo de capa de livro da Grasset & Fasquelle coberta por uma jaqueta



Fonte: elaborado pelas autoras.

Já as cintas cobrem capa e contracapa apenas parcialmente, permitindo a visualização do nome do tradutor na capa (Imagem 9).

Imagem 9: Exemplo de capa de livro da Grasset & Fasquelle coberta por uma cinta



Fonte: elaborado pelas autoras.

Essa escolha da Grasset & Fasquelle em apresentar um padrão diferenciado para algumas obras, com o nome do tradutor na capa, ora temporariamente invisível (ou constantemente, se a jaqueta não for retirada pelo leitor), quando coberto por uma jaqueta, ora visível, quando coberto por uma cinta, parece estar mais associada a uma maior notoriedade dos autores, ou dos próprios livros traduzidos, do que dos tradutores. Essa hipótese surge ao analisar as obras publicadas pela editora com esse padrão: algumas são vertidas para o francês por tradutores que podem ter certa notoriedade, como é o caso do tradutor de *Le garçons aux icônes* (Imagem 7), Pierre Demarty, que também é escritor; mas esse não é o caso de Karine Lalechère, tradutora de *Les cent derniers jours* (Imagem 9).

Para a Métailié, que publicou *Tupinilândia*, até 2006 era comum os livros das coleções Bibliothèque (Allemande, Anglo-Saxonne, Brésilienne etc.) trazerem o nome dos tradutores na capa, mas a partir de 2007, todos os livros passaram a ter os nomes dos tradutores na contracapa.

Sendo assim, tendo como referência as editoras aqui mencionadas, pode-se perceber que, no caso francês, a posição do nome do tradutor parece estar mais relacionada à manutenção de um padrão de apresentação editorial do que propriamente à notoriedade do tradutor. Mas a definição desse padrão pelas editoras, a partir das possibilidades colocadas — ter o nome do tradutor na capa ou na contracapa — prioriza, na maioria das vezes, o local de menor destaque, a contracapa.

Considerações Finais

Com base no que foi exposto ao longo desse artigo, percebe-se que todas as obras traduzidas para a língua francesa, que contaram com a subvenção do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior da FBN e foram aqui analisadas, são apresentadas explicitamente como traduções desde a parte externa do livro, capa ou contracapa, através da indicação “*traduit du*” [traduzido do], tendo como complemento informações sobre a língua de partida, “*portugais* (Brésil)” ou “*brésilien*”, e sobre a autoria da tradução, resultando na formulação “traduzido do + língua + por + tradutor(a)”.

Há ainda a forma implícita de indicar que se trata de uma obra traduzida através de códigos, como o uso na capa de um símbolo que representa uma coleção de obras estrangeiras. É o caso da Grasset & Fasquelle, editora que publicou *Ni partir ni rester*, tradução de *A Resistência* de Julián Fuks, que tem uma coleção dedicada a obras estrangeiras intitulada *en*

lettres d'ancre e tem como símbolo uma âncora. Porém, essa indicação implícita só pode ser percebida por aqueles que conhecem a coleção.

Se a informação que indica explicitamente que a obra se trata de uma tradução aparece na parte externa do livro, isso é justificado pela associação dessa indicação com a referência a quem traduziu. Isso porque o acordo estabelecido entre a *Association des Traducteurs Littéraires de France* e o *Syndicat National de l'Édition* recomenda que o nome do tradutor apareça, no mínimo, duas vezes: uma na folha de rosto e outra na capa ou contracapa. A partir das obras aqui analisadas, percebe-se que é mais comum que ela esteja na contracapa, local menos visível em comparação à capa.

Essa diferença na posição do nome do tradutor e, por consequência, na posição da formulação “traduzido do + língua + por + tradutor (a)”, comum de ser apresentada assim França, poderia estar relacionada à notoriedade de quem traduziu, como sugerido por Carneiro (2014) em relação às obras traduzidas no Brasil: quanto mais prestígio o tradutor tem, é mais provável que seu nome apareça na capa; com menos prestígio, é mais provável que seu nome apareça em locais menos visíveis. Mas não é o que se observa nas obras analisadas, já que a questão da notoriedade do tradutor não parece ter tanta influência na França como no Brasil. A posição do seu nome no caso francês está mais relacionada à manutenção de um padrão editorial.

Uma questão que se destaca nessa análise é a ausência de uma menção explícita à língua na qual os livros foram escritos, afinal, a parte da formulação que faz referência à língua de chegada — “traduzido do + língua” — é insuficiente para comunicar essa informação. O que se entende, na verdade, é que o texto que serviu de base para a tradução foi escrito nessa língua, e não que o texto primeiro foi escrito nela, e foi mencionado o caso de tradução indireta que, apesar de pouco provável entre línguas latinas, não seria impossível de acontecer. Independente da improbabilidade de haver uma língua intermediária entre uma tradução do português para o francês, o que se coloca em questão é que a formulação mencionada é não é suficiente para indicar a língua na qual o livro foi escrito.

Mesmo quando a origem do autor é mencionada, como acontece na contracapa de alguns dos livros analisados, ainda assim, não há como se ter certeza quanto à língua usada pelo autor para escrever o livro, já que ele poderia escrever em mais de uma língua. No caso dos livros apresentados, essa informação só é obtida, por inferência, quando se chega à folha de *copyright* e encontra-se a indicação da editora brasileira, mas às vezes, apenas o seu nome

é mencionado. Nesse caso, a única indicação da língua na qual o livro foi escrito é a referência ao apoio da FBN. Mas... e nos casos dos livros que são traduzidos e publicados sem qualquer apoio? Desse questionamento, outros podem surgir, como por exemplo: ainda sobre o mercado editorial francês, os livros escritos em idiomas mais distantes, ao serem traduzidos sem a intermediação de outra língua, têm explicitada nos seus índices morfológicos o idioma no qual foram escritos? Qual o posicionamento do nome do tradutor nesses casos? A respeito das traduções indiretas: a partir dos seus índices morfológicos, é possível percebê-las como tais? Essas são algumas perguntas que podem ser respondidas através de pesquisas futuras que mostrem como as traduções são apresentadas e como são vistas a partir de elementos paratextuais.

REFERÊNCIAS

- Almeida, G. S. B., & Herencia, J. L. (2012). A Fundação Vitae e seu legado para a cultura brasileira Parte I: fontes conceituais, linhas diretivas, programas próprios e legado. *Anais do III Seminário Internacional de Políticas Culturais*. Fundação Casa Rui Barbosa.
- 24 Association des Traducteurs Littéraires de France, Syndicat National de l'Édition, & Centre National du Livre. (2014). *Guide de la traduction littéraire*. <https://www.atlf.org/wp-content/uploads/2014/04/Guide-de-la-traduction.pdf>
- Book Center Brazil. (2012, 11 de setembro). Ministério da Cultura investirá U\$35 milhões na internacionalização da literatura brasileira até 2020. <https://bookcenterbrazil.wordpress.com/2012/09/11/in-egestas-mauris-et-erat-sed/>
- Carneiro, T. D. (2014). *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29928/29928.PDF>
- Feres, L. B., & Brisolará, V. S. (2016). A literatura brasileira em tradução: o caso do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior. *Letrônica*, 9(esp.), 144–154. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.22388>
- Fundação Biblioteca Nacional. (s.d.). *Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior*. <https://www.bn.gov.br/explore/programas-de-fomento/programa-apoio-traducao-publicacao-autores>
- Fundação Biblioteca Nacional. (2011). *Edital de 6 de julho de 2011. Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior*. <https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/editais/2011/0706-programa->

apoio-traducao-publicacao-autores-brasileiros/edital-programa-apoio-traducao-publicacao-autores_0_0_0.pdf

- Fundação Biblioteca Nacional. (2015). *Public Note — Edital 2015–2017*.
https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/editais/2015/0612-support-program-translation-and-publication-brazilian//translation_grant_2015-2017_updated.pdf
- Genette, G. (2009). *Paratextos editoriais* (A. Faleiros, Trad.). Ateliê Editorial.
- Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003 (2003). Institui a Política Nacional do Livro. Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.753.htm
- Martins, M. (2008). O papel da patronagem na difusão da literatura brasileira: o programa de apoio à tradução da Biblioteca Nacional. In A. Guerini, M.-H. C. Torres & W. C. Costa (Orgs.), *Literatura traduzida e literatura nacional* (pp. 39–52). 7Letras.
- Ministério da Cultura. (2010). *Caderno do Plano Nacional do Livro e Leitura* (PNLL).
http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/esistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/99_PNLL_Estado_e_sociedade_atuando_pelo_desenvolvimento_da_leitura_no_Brasil_v1.pdf
- Muniz, J. S., & Szpilbarg, D. (2016). Edição e tradução, entre a cultura e a política: Argentina e Brasil na Feira do Livro de Frankfurt. *Sociedade e Estado*, 31(3), 671–692.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016.00030006>
- Simões, E. (2012, 10 de outubro). Literatura brasileira busca estrangeiros. *Valor Econômico*.
<http://www.bibliotecajuridica.sp.gov.br/noticias/MostraNoti.asp?par=1271>
- Spézia, K. (2015) *A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013: uma perspectiva descritiva e sociológica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160543/338067.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Torres, M.-H. C. (2000). Le marché du livre en France: Émergence de la littérature brésilienne. *Cadernos de Tradução*, 2(6), 19–31.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5678/5179>
- Torres, M.-H. C. (2011). *Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento* (M. Assef & E. Castelli, Trad.). Copiart.
- Toury, G. (2012). *Descriptive Translation Studies – and beyond*. John Benjamins Publishing Company.

Venuti, L. (1996). A invisibilidade do tradutor (C. A. de Carvalho, Trad.). *paLavra*, 3, 111–134.

¹ Foi uma associação civil sem fins lucrativos que atuou no Brasil entre 1985 e 2005, principalmente, no fomento às artes e à cultura através de “financiamentos a programas, projetos e bolsas de trabalho e de pesquisa” (Almeida & Herencia, 2012).

² Valores contabilizados a partir de dados apresentados na tabela disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/editais/2018/programa-apoio-traducao-publicacao-autores-brasileiros/dados_edital_de_traducao_site_bn.pdf

³ Proporções calculadas pelo autor a partir dos dados levantados por Karla Spézia na sua dissertação de mestrado intitulada, *A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013: uma perspectiva descritiva e sociológica*.

⁴ Essa indicação está presente até o edital 2015–2017, mas com a extinção do Ministério da Cultura em 2019, o edital 2018–2020 foi atualizado e no lugar de “Ministério da Cultura”, deve constar “Ministério do Turismo”, ao qual a FBN encontra-se vinculado atualmente.

⁵ De acordo com informações presentes no site da editora: “se a literatura estrangeira está no centro do projeto, o catálogo se abriu à literatura francesa em 2014” (tradução nossa). [*Si la littérature étrangère est au cœur du projet, le catalogue s’est ouvert à la littérature française en 2014*].

⁶ Tradução nossa: “*Dans Belém, c’est la ville, la métropole, qui finalement façonne les actes des personnages*”.

⁷ Tradução nossa: “*L’édition originale de cet ouvrage est parue chez Boitempo Editorial, São Paulo, Brazil*”.

⁸ No Brasil, a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, a Lei de Direitos Autorais, faz entender que o tradutor é autor de uma obra derivada, sendo o editor obrigado a mencionar seu nome, de acordo com o artigo 53, inciso II desta lei. Na França, o *Code de la propriété intellectuelle* [Código da propriedade intelectual], criado a partir da Lei nº 92-597, de 1º de julho de 1992, estabelece no seu artigo 112-3 que os tradutores usufruem da proteção instituída por essa lei, sem que haja interferência nos direitos do autor.